

## O Sujeito de Desempenho da Pós-Modernidade

### The Performance Subject of Postmodernity

Carlos Eduardo de Vasconcelos  
Faculdade João Paulo II (FAJOPA)  
[carlosvasconcelosp@gmail.com](mailto:carlosvasconcelosp@gmail.com)  
<http://lattes.cnpq.br/8873873583545565>

#### Resumo

Em *Sociedade do Cansaço*, Byung-Chu Han afirma que hoje vivemos na sociedade de desempenho, onde seus sujeitos atingem seu autoesgotamento na esperança de ser seu eu-ideal. Neste artigo exploramos esse sujeito que pelo excesso de positividade é levado a doenças psíquicas como a depressão, transtorno de déficit de atenção, síndrome de hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe e a *Síndrome de Burnout*. Se o narcisismo é uma característica do indivíduo da sociedade de desempenho, Heidegger pode trazer uma resolução deste sujeito através do seu conceito de angústia e autenticidade.

#### Palavras-chave

Byung-Chu Han, Heidegger, Sociedade de Desempenho.

#### Abstract

In the *Burnout Society*, Byung-Chu Han states that today we live in the performance society, where its subjects reach their self-exhaustion in the hope of being their ideal-self. In this article, we explore this subject who, due to the excess of positivity, is led to psychic diseases such as depression, attention deficit disorder, hyperactivity syndrome, borderline personality disorder and *Burnout Syndrome*. If narcissism is a feature of the individual's performance society, Heidegger can bring a resolution of this subject through his concept of distress and authenticity.

#### Keywords

Byung-Chu Han, Heidegger, Performance Society.

### 1. Introdução

Se olharmos para a história da humanidade, depois da fome, o segundo inimigo da humanidade é representada pelas doenças contagiosas. O historiador Israelense Yuval Noah Harari em sua obra *Homo Deus* (2016) revela que a Peste Negra, que teve início em 1330 na Ásia e que se espalhou rapidamente pela Europa e norte da África, matou entre 75 milhões e 200 milhões de pessoas. Na Inglaterra, quatro em cada dez pessoas pereceram. No México em 1520 a população era estimada de 22 milhões, mas com a epidemia da Varíola trazida pelos europeus essa população

reduziu para 14 milhões em um ano. Na primeira grande guerra, os soldados das trincheiras do norte da França morreram aos milhares por causa da gripe espanhola.

No final do século XX até os dias de hoje percebemos que não vivemos mais em um mundo em que as doenças infecciosas causadas por vírus ou bactérias arrasam as sociedades como antes. A AIDS, que até hoje não tem cura, utilizando os novos tratamentos contra ela, fazem do vírus do HIV mudar de uma sentença de morte para uma doença crônica. Outro exemplo é o Ebola. Este vírus terrível foi controlado e não se espalhou pelo mundo. Se a AIDS ou o Ebola tivessem eclodido na Idade Média, provavelmente o desastre seria bem maior. Graças à técnica imunológica o século XXI não vive mais uma época bacteriológica ou viral, mas neuronal.

Doenças neurais como a depressão, transtorno de déficit de atenção, síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a *Síndrome de Burnout* (SB) são o quadro patológico da sociedade do Século XXI. Não são mais infecções provocadas pela negatividade, mas pelo excesso de positividade. Essas doenças e síndromes neurais “escapam de qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho” (HAN, 2015). A violência não vem apenas da negatividade, onde anticorpos e antibióticos são capazes de agir, mas também da positividade, onde nenhum sistema imunológico funciona porque não se trata de um corpo estranho ou do diferente, se trata do igual. “O igual não leva à formação de anticorpos. Num sistema dominado pelo igual não faz sentido fortalecer os mecanismos de defesa” (HAN, 2015). A violência neural é uma violência da positividade que resulta da superprodução e superdesempenho:

A violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade, ela escapa de toda ótica imunológica, pois, não tem negatividade. A violência neural não parte mais de uma negatividade sistêmica, isto é, uma violência imanente ao sistema. Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso de igual (HAN, 2015).

## 2. Sujeito de desempenho

No século XXI surge na sociedade o que podemos chamar de sujeito de desempenho. Os sujeitos de desempenho são empresários de si mesmos, não é coagido por outrem. Se a sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade, a sociedade para o sujeito de desempenho é uma sociedade da positividade. Ainda não é o momento de negar a sociedade disciplinar, ela é a base do desempenho. No século XXI a pluralidade de ideias e atividades faz com que pensadores nunca tenham um diagnóstico preciso. Uns dizem sociedade do consumo, outros sociedade disciplinar, outros ainda, sociedade do desempenho. Hoje existem dentro da sociedade relações de disciplina,

de consumo e de desempenho, todas elas entrelaçadas, podendo em cada grupo ter um pouco mais de disciplina, outro mais de consumo ou ainda mais desempenho.

A sociedade que hoje avança para o desempenho vai se desvinculando da negatividade, é o que demonstra a frase da campanha eleitoral de Barack Obama “Yes, we can”, que expressa a positividade, o poder ilimitado desta sociedade. “No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015). Enquanto a sociedade disciplinar que é dominada pelo “não pode” gera loucos e delinquentes, a sociedade do desempenho gera depressivos e fracassados.

As sociedades do século XXI estão cada vez mais se desvinculando das proibições para se organizar como sociedades da liberdade. O sujeito de desempenho já não se submete a nenhum trabalho compulsório. Ele faz na liberdade e na boa vontade. Espera atingir o prazer no trabalho, não ouve o outro, ao contrário, ouve a si mesmo. Funcionários de escritórios com características modernas e tecnológicas trabalham em pequenos nichos. Lá ele faz seu pequeno abrigo, colocando fotos e bonecos de personagens animados. Para completar sua solidão, utiliza fone de ouvido de modo que não escuta quem está ao seu redor.

O inconsciente social na sociedade de desempenho tem a característica de desejar o máximo de produção. Para maximizar a produção o paradigma disciplinar é substituído pelo desempenho, pelo esquema positivo do poder. A positividade do poder é mais eficiente que a negatividade do dever. O sujeito de desempenho é mais rápido e produtivo que o sujeito disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade através da técnica disciplinar, ele continua a produzir, mas agora de modo mais eficaz.

O sujeito de desempenho é soberano de si mesmo, mas ser soberano de si, leva a ilusão de ser livre, esquecendo que ele pode ser submisso de si mesmo. Liberdade e coação se coincidem, o sujeito de desempenho se entrega a livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho anda ao lado de um sentimento de liberdade que maximiza sua autoexploração. “O agressor é ao mesmo tempo, explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos” (HAN, 2015).

O filósofo Giorgio Agamben nos apresenta a tese do *Homo Sacer*, uma figura jurídico-política do direito romano antigo na qual a pessoa, ao ser declarada sacer pelo soberano, era legalmente excluída do direito. O *homo sacer* não podia ser legalmente morto, porém, qualquer um poderia matá-lo sem que fosse culpado de homicídio. A pessoa declarada sacer era despida de direito, vivia uma vida nua. No século XXI, o sujeito de desempenho não necessita de um soberano para deixar sua vida nua, agora ele mesmo se declara *sacer*.

O sistema capitalista atual mudou de uma exploração estranha para uma exploração própria, com o intuito de acelerar o processo de produção. “O sujeito de desempenho que se imagina como soberano de si mesmo, como *homo liber*, aparece como *homo sacer*” (HAN, 2015). Ele é *homo sacer* de si mesmo. O capitalismo nutre a ilusão de que mais capital gera mais vida, a preocupação de ter uma vida boa dá lugar à sobrevivência. O consumo exagerado para atingir o eu-ideal tira da vida a vivacidade, o poder de reflexão, de contemplação e moralidade, sua vida é nua. Vida nua, despida de toda transcendência, o que importa no capitalismo é o sujeito que produz e consome. Seu objetivo é produzir e consumir de maneira eficaz além de prolongar a vida desse sujeito o máximo possível. Para o prolongamento dessa vida se utiliza um corpo fitness ou uma gama de remédios, que só o fato de os usar, alimenta o capitalismo. O capitalismo atual, transforma todas as relações humanas em comerciais, arranca a dignidade humana, substituindo pelo valor de mercado, transformando o homem de desempenho em *homo sacer*. Se antes o *homo sacer* poderia ser morto por qualquer pessoa, hoje o capitalismo procura que essa pessoa viva sua vida nua o máximo possível, pelo menos enquanto ela conseguir produzir e consumir. Primeiro o sujeito contemporâneo teve que carregar sua própria torre panóptica, agora tem que carregar seu soberano, seu eu-ideal. O sujeito de desempenho é ao mesmo tempo, prisioneiro e vigia, vítima e agressor. O sujeito explora a si mesmo, não há necessidade de um outro senhor.

Uma das causas da depressão, do transtorno de déficit de atenção, transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a *Síndrome de Burnout* (SB) é a pressão de desempenho. O que o torna doente não é o imperativo da obediência, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho. A depressão se esquia de qualquer esquema imunológico, ela é de início um cansaço de fazer e de poder. “A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão” (HAN, 2015).

O sujeito de desempenho está em guerra consigo mesmo e o depressivo reflete essa humanidade que está em guerra consigo mesma. Por seu narcisismo o sujeito de desempenho tem uma crise de reconhecimento. Mergulhado em si mesmo não cria nenhuma gratificação, ele traz dor e sofrimento para si. O narcisista não encontra nada de novo, por estar envolto de si mesmo, o diferente é insignificante para ele. Ele bebe de si mesmo, o eu se difunde e torna difuso.

O Narcisista não é capaz de chegar a uma conclusão, procura uma meta inalcançada. A coação de se desempenhar força-o a produzir cada vez mais, com isso, jamais alcança um porto de repouso da gratificação. Vive num sentimento de carência e de culpa:

E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de *burnout* (Esgotamento). O sujeito de desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se aqui, coincidem (HAN, 2015).

O sujeito narcisista está esgotado de si mesmo, totalmente incapaz de sair de si, de confiar no outro, de estar fora, fica se remoendo levando-o a depressão e ao *burnout*. Este sujeito utiliza os meios de comunicações digitais para encontrar consigo. A realidade virtual, cada vez menos oferece resistência ao eu, quando oferece, o narcisista exclui com um ou dois cliques. No ambiente virtual, o narcisista se alegra. Nas redes sociais ele recebe likes e comentários impulsionando seu próprio sentimento narcísico.

O sujeito do desempenho tem uma quantidade exagerada de opções, mas não é capaz de fazer ligações intensas, por isso o ambiente virtual é um prato cheio para seu ego. Na depressão todas as ligações e relacionamentos com os outros, ou consigo mesmo se rompem. Diferente do luto que tem um objeto de forte ligação, a depressão, não tem objeto, por isso não tem uma orientação definida. Quem está de luto está ligado ao amado, a depressão está desvinculada de todos.

A coação por desempenho impede que ele elabore o conflito, uma vez que esse processo é demorado e não acelera a execução do desempenho. Neste momento os antidepressivos são acionados para que o sujeito volte a sua prática. Concorrendo consigo mesmo, tentando superar a si próprio, esta autocoação que se apresenta como liberdade acaba sendo fatal. Não é à toa que na sociedade de desempenho o suicídio tende a crescer.

O sujeito de desempenho projeta-se em um eu-ideal inalcançável, ele é corroído por ele. Frente ao seu eu-ideal, o eu real aparece como fracassado, o eu trava uma guerra consigo mesmo. Nesta guerra o vencedor é vítima, se vencer a vítima morre. Por isso depressão e o *burnout* tem um traço de autoagressividade.

O excesso de positividade se manifesta também com excessos de estímulos, informações e impulsos. Esses excessos junto com a sobrecarga do trabalho, destrói a atenção, o sujeito não se concentra apenas em uma tarefa, mas em múltiplas tarefas. A multitarefa algo que é valorizado na pós-modernidade é algo que está presente entre os animais selvagens. Um animal selvagem, para sobreviver, é obrigado fazer várias tarefas ao mesmo tempo. Ele bebe a água de um lago, preocupado com o crocodilo que pode devorá-lo, e ainda tem que olhar para a prole que neste momento está vulnerável. O sujeito multitarefa, não tem momentos de contemplação. Estes momentos contemplativos são necessários para desempenhos culturais, filosóficos, religiosos e principalmente o conhecimento do eu. O sujeito multi-tarefa tem a atenção dispersada, muda de

foco constantemente, não consegue ter aquele momento de tédio para contemplação. Nas igrejas e templos onde supostamente esse tempo é reservado, ele é preenchido com músicas, recitações e shows constantes que duram exatamente o tempo que foi reservado. Nem o momento de fazer suas necessidades básicas tem um momento de tédio. Ao tomar banho liga-se uma música, ao sentar no vaso sanitário, leva o celular para acessar as redes sociais e enviar mensagens, ao deitar para dormir, o celular é mais uma vez acionado até o sono chegar. “Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual. Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente” (HAN, 2015).

Pascal diz que o Homem procura se divertir para fugir de si mesmo. Procura tudo menos olhar para si, porque quando se olha encontra suas misérias. O divertimento para Pascal não é apenas o lazer, mas todas as atividades que fazemos para nos divergir de nós mesmos. O sujeito do desempenho se diverte com uma maestria nunca visto antes. Todos os seus momentos são uma forma de fugir do tédio. O problema é que quanto mais fugimos do tédio maior é a dor da revelação de nossas misérias.

A perda da fé em Deus e também na própria realidade, tornou a vida humana radicalmente transitória. Nada tem duração e subsistência, com essa ausência do Ser, o sujeito de desempenho está totalmente isolado. Sentimentos negativos como angústia e luto são enfraquecidos em uma sociedade de extrema positividade, em compensação a irritação sempre vem à tona. Se irrita até com o inevitável.

A ausência de negatividade, de hesitação, não só transforma o corpo, mas também a mente em uma máquina. Sem hesitar, a mente é só cálculo. Diferente das máquinas que não tem alteridade, o sujeito do desempenho sofre irritações, depressões e síndromes mentais. O esforço exagerado de positividade, de calcular e de ser máquina afasta a negatividade, porque essa atrasa o processo de aceleração. “Se o homem fosse um ser da negatividade, a total positivação do mundo teria um efeito que seria nocivo. Segundo Hegel, é precisamente a negatividade que mantém viva a existência” (HAN, 2015).

A potência positiva é a potência de fazer alguma coisa enquanto a negativa é a de não fazer. Se não tivéssemos a potência negativa estaríamos expostos a todos os estímulos e impulsos coercitivos e intrusivos. Se tivéssemos só potência de pensar algo, seria impossível fazer reflexão, uma vez que a positividade estaria numa quantidade infinita de objetos, o que permitiria só ficar pensando.

A potência negativa no pensamento é essencial na contemplação, só alcançamos o íntimo do nosso ser, negativando os pensamentos e se tornando vazio deles. Este é um exercício de

soberania de si, longe da passividade de estímulos intrusivos. A hiperatividade é longe de soberania, é escravidão, é a passividade de fazer. Sem a negatividade os sentimentos de angústia são camuflados cada vez que vem à tona, com isso a autodestruição é cada vez maior.

### 3. O *Dasein* de Heidegger

Para Heidegger o ser humano é o *Dasein*, o ser-aí, o estar fora de si, o único ente capaz de se interrogar sobre seu ser. Analisando o mundo, interpretando a vida cotidiana, o ser humano começa a entender o sentido do ser. O *Dasein* é compreendido a partir da sua existência, a partir da possibilidade de ser ou não ser si mesmo. O *Dasein* autêntico é aquele que escolhe possibilidades de ser, ele faz para si mesmo, ele é si mesmo. O *Dasein* inautêntico faz as coisas contra si mesmo, vive segundo os outros, renuncia a possibilidade de ser, ele não é si mesmo.

O *Dasein* está com outros *Daseins*, sua existência é coexistência, ele só se reconhece na coexistência. Inserido no mundo, mergulhado no nós, o *Dasein* almeja distinguir-se dos outros, diluídos entre os *Daseins* ele já não mais se pertence, ele se transforma em nós. O “nós” é o modo de vida do *Dasein* inautêntico. O *Dasein* autêntico é ser-em-si-mesmo, é iluminar-se sendo o próprio iluminador. Viver é se sentir abandonado, não ter uma base, é sentir sua precariedade e instabilidade, por causa do movimento de sua existência. O *Dasein* tem medo de si, medo de outrem, medo de ter medo. A precariedade da sua vida gera angústia, mas o medo faz fugir dela. É necessário não se esquivar da angústia, é ela que revela o *Dasein* autêntico, que o leva a perceber sua precariedade, que é um desabrigado neste mundo, revela sua existência, sua decadência, que é um ser para a morte, é na angústia que o *Dasein* tem consciência de sua liberdade.

A angústia é existencial do *Dasein*, uma disposição privilegiada. Com ela, o *Dasein* se coloca diante de si mesmo a partir de seu próprio ser. Mergulhado no impessoal o *Dasein* inautêntico foge de si mesmo, mas é justamente daquilo que foge que o *Dasein* corre atrás. Somente através de uma abertura constitutiva, que o *Dasein* se coloca diante de si mesmo e se torna autêntico. “Na decadência, a presença se desvia de si mesma. Aquilo de que se retira deve possuir o caráter de ameaça; o que porém, ameaça é um ente que tem o modo de ser de um ente que se retira, ou seja, é a própria presença” (HEIDEGGER, 2012).

A constituição fundamental do *Dasein* é o ser-no-mundo, e é daí que vem a angústia, o ser-no-mundo como tal. A angústia se abre revelando o mundo como tal. Ela faz com que o *Dasein* se singulariza em seu próprio ser-no-mundo, mostrando a ele que ele tem inúmeras possibilidades. Agora o *Dasein* “pode-ser”, ele é livre. Esse solipsismo existencial confere ao *Dasein* como ser-no-mundo um ex-sistir, um existir fora de si, sua existência é coexistência.

A angústia revela que o *Dasein* é um “estranho” que não se sente em casa no mundo. A fuga para se sentir em casa foge do não se sentir em casa. “Essa estranheza persegue constantemente à presença e ameaça, mesmo que implicitamente, com a perda cotidiana no impessoal” (HEIDEGGER, 2012). A angústia pertence à constituição essencial do *Dasein* como ser-no-mundo, é um modo próprio do *Dasein*. Na maior parte do tempo a angústia é incompreendida, o fenômeno da angústia pode ser raro, por isso incompreensivo, no entanto, é na raridade do fenômeno que leva ao indício de que o *Dasein* permanece encoberto sobre si mesmo em vista do impessoal. Só na angústia subsiste uma abertura retirando o *Dasein* da decadência do impessoal.

O sujeito de desempenho que diverge de sua angústia por medo, ao ser mergulhar em um sentimento narcísico é absorvido pelo nós. Ele é diluído na massa de narcisistas que se sente livre sem saber que é comandado por um eu-ideal. O sujeito de desempenho precisa cair na angústia, hesitar em desempenhar, ser autêntico, reconhecer sua precariedade para não se autoconsumir. É na angústia que o sujeito de desempenho ouve sua consciência, uma voz interior que diz que ele pode sair do impessoal. Ouvir esse apelo nos arranca da existência cotidiana, faz o sujeito ouvir a si mesmo levando a uma resolução, a uma transcendência. Na hiperatividade, o sujeito de desempenho é surdo a sua voz interior, uma voz que grita silenciosamente. Surdo a voz do autêntico gritando para o inautêntico. Essa voz é a angústia do existir, que precisa ser ouvida para ser o que é, um ser de possibilidades além do desempenho. Existir é escolher, o sujeito é ex-sistir no sentido de estar fora de si, se relacionando com o mundo, não precisa de aplausos, ele entende que relacionar com outros faz parte de sua existência. Ao entender sua precariedade, o sujeito não procura lutar contra o eu-ideal, um eu que quanto mais você avança, mas ele se distancia. Na angústia o sujeito consegue entender seus limites, deixa de ter um pensamento calculista para um pensamento contemplativo. Percebe que nem seu corpo e nem sua mente são máquinas, deixa de ser soberano e escravo de si, é livre. Na angústia o sujeito não se esgota, não é hiperativo, entende que é um ser-no-mundo e que é necessário conviver. O narcisismo na angústia pode ser extinguido.

O sujeito pós-moderno não deve dizer sim a qualquer estímulo. Não deve ser passivo, deve oferecer resistência aos estímulos opressivos. Deve ser soberano de si, dizer não. Saber dizer não é um ato mais ativo que qualquer hiperatividade, o sim em todos os estímulos é um sintoma de esgotamento espiritual. A hiperatividade é uma hiperpassividade, é uma ilusão achar que quanto mais sou ativo mais livre sou. Só por meio da negatividade que se é capaz de hesitar para não cair numa passividade automática. A atividade que se compara a uma máquina é pobre de interrupções. Apesar do desempenho de uma máquina, ela é burra na medida que falta a capacidade de hesitar.



Enquanto o sujeito de desempenho fugir da angústia ele não consegue escolher inúmeras possibilidades de ser, sua liberdade é anulada porque só olha para si, nunca é ser-no-mundo.

#### 4. Considerações finais

No sistema neocapitalista, palavras como meritocracia e resiliência está em alta. Cada sujeito é responsável inteiramente por si, independente se ele nasceu ou foi criado no subúrbio ou em bairros de alto padrão. Uma vida boa neste sistema político-econômico consiste em consumir e produzir de forma cada vez mais veloz e eficaz. Grandes empresas impõem que as pessoas que não tem um aumento de produção não sobem de cargo e conseqüentemente é mais vulnerável a demissão. Não existe limite para o aumento de desempenho, o sujeito sempre tem que melhorar. Com esse pensamento amplamente difundido na sociedade, o sujeito o incorpora transformando em um sujeito de desempenho, cujo soberano e o escravo é ele próprio. O sujeito de desempenho é seu próprio vigia e senhor, ele foi fabricado pelo sistema neocapitalista para produzir com maior força e agilidade sem precisar de uma outra pessoa que o vigie e senhoreie. Com o desempenho cada vez maior, o sujeito se fecha em si mesmo, um narcisismo onde o eu-ideal sufoca o eu real. Nesta luta sem limite o eu-ideal só alcança a vitória final quando o eu-real morrer, em todo caso a luta deixa feridas como a depressão, e a *Síndrome de Burnout*. O acordo de paz é difícil de ser alcançado porque qualquer pausa pode prejudicar o desempenho. O medo também é um sentimento que não deixa essa pausa acontecer. Hesitar o desempenho pode levar o sujeito para a angústia, e na angústia o sujeito de desempenho encontrará o seu eu de forma precária. Porém, é na angústia que o sujeito de desempenho pode sair de si e se tornar livre de si mesmo, é este sentimento existencial que a consciência autêntica vai gritar silenciosamente para o eu inautêntico. Através da angústia o sujeito de desempenho poderá sair da massa narcísica e se tornar autêntico, curando as feridas da batalha que travou consigo mesmo.

#### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016
- HEIDEGGER. Martin. *Ser e Tempo*. 7. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

Recebido: 15-11-2018

Aceito: 09-04-2019